

## O MAR, O CÉU E OUTRAS HIEROFANIAS CÓSMICAS NA POESIA DE FERNANDO PESSOA

Ligia Militz da Costa  
Universidade Federal de  
Santa Maria

"Acaso vos chamou de ignotas flautas  
A vaga e impossível melodia (?)."  
(Cancioneiro — nº 184)

O fascínio com que a imagem do mar seduz, na poesia de Fernando Pessoa, tanto o poeta quanto o intérprete, justifica amplamente a tentativa de compreensão mais funda de sua significação. Bem como a ambigüidade permanente que resulta de cada leitura constitui-se no convite a um desvendamento do texto, nos moldes a que uma análise hermenêutica se propõe, a partir da orientação de Paul Ricoeur. Segundo ele, a hermenêutica é a teoria das operações da compreensão, em sua relação com a interpretação de textos. Sendo a linguagem o lugar onde se exprime toda a compreensão ontológica, é ela o campo inicial da análise, e, a análise, o processo de desvendamento laborioso dos seus símbolos (significações de sentido multívoco), através da interpretação. Entretanto, cada interpretação traduzirá o símbolo segundo uma grelha de leitura que lhe é própria e, ao mesmo tempo, relativa à estrutura teórica do sistema hermenêutico que serviu de suporte para a análise. Trata-se de um percurso em busca da compreensão, que visará sempre ao estabelecimento de valores universais: para esse fim, Ricoeur aconselha, "a priori", uma ampla e completa pesquisa sobre as formas simbólicas cósmicas, oníricas e verbais.

O compreender, que a hermenêutica pretende, determina um enfoque semântico que se encadela como reflexivo: o sujeito, ao interpretar os signos, interpreta a si próprio, sendo, ao mesmo tempo, interpretado por eles. A reflexão faz com que seja ultrapassado o plano lingüístico e atingida a etapa existencial da compreensão. Superando a distância e tornando-se contemporâneo do texto, o intérprete dele se apropria,

ampliando a própria compreensão de si mesmo pela compreensão do outro. Daí ser o distanciamento da obra, com relação ao intérprete e ao próprio autor, a condição favorável essencial para que se possa chegar às raízes ontológicas do compreender.

O suporte hermenêutico, que nos serviu de grelha criteriológica para a interpretação da poesia de Fernando Pessoa, foi a fenomenologia das religiões, segundo Mircea Eliade. O sentido primordial, latente nos símbolos arrolados, pôde ser percebido, chegando-se a um "mundo do texto", que é uma retomada das verdades mais sagradas e uma integração de criador, obra e intérprete, na ordem cósmica do universo.

## I — O MAR, O CÉU E OUTRAS HIEROFANIAS CÓSMICAS NA POESIA DE FERNANDO PESSOA

"O entendimento dos símbolos e dos rituais (simbólicos) exige do intérprete que possua cinco qualidades ou condições, sem as quais os símbolos serão para ele mortos, e ele um morto para eles.

A primeira é a simpatia; (...) a segunda é a intuição; (...) a terceira é a inteligência; (...) a quarta é a compreensão, entendendo por esta palavra o conhecimento de outras matérias que permitam o símbolo seja iluminado por várias luzes, relacionado com vários outros símbolos, pois que, no fundo, é tudo o mesmo. (...) A quinta é (...) a graça, (...) a mão do Superior Incógnito, (...) o Conhecimento e Conversão do Santo Anjo da Guarda".

(F. Pessoa, "Nota Preliminar" de *Mensagem*)

O plano semântico da proposta de Ricoeur permite-nos o arbítrio — grelha criteriológica redutora —, na escolha de uma hermenêutica parcial para a interpretação dos símbolos "mar" e "céu", os quais apontamos, na obra de Fernando Pessoa, pela multivocidade entrevista, pela frequência com que aparecem e pela inter-relação que manifestam possuir, literalmente, entre si, ou com outros símbolos. Através dessa possibilidade, a fenomenologia da religião, com Mircea Eliade, será o nosso ponto de referência para a interpretação das hierofanias indicadas, ainda que estejamos conscientes da limitação de nosso fulcro analítico, dada a existência de outros símbolos nos textos, cujas perspectivas de compreensão envolveriam outras hermenêuticas.

Os poemas que constituirão o "corpus" para a presente análise foram extraídos da poesia ortônina, fazendo parte de *Mensagem*, do *Cancioneiro* ou das *Inéditas*, e são os seguintes:

"Mar português (*Mensagem*)  
"Aqui na orla da praia, mudo e contente do mar"  
(*Cancioneiro*)  
"Azul ou verde, ou roxo quando o sol" (*Cancioneiro*)  
"Nesta vida, em que sou meu sono" (*Inéditas*)

### 1.1 — "Mar Português"

Imagem dominante no poema, o mar aparece explícito por quatro vezes e implícito em todos os outros versos, por elementos correlacionados. A ambigüidade de sua significação, como imagem do poema, configura-se por um desenvolvimento antitético dos versos, correspondendo, a ele, ora um sentido de "perigo e abysmo", ora um sentido de "céu". A primeira estrofe, com exceção do último verso, refere o mar como sal, lágrimas, cruz ("cruzarmos"), choro, rezas, morte ou desaparecimento ("quantas noivas ficaram por casar"), enfim "perigo e abysmo"; o último verso dessa estrofe e toda a segunda referem-no com relação ao valor de sua conquista, à grandeza do propósito de vencê-lo, ao ultrapassamento do nível material a que corresponde a sua incorporação na vivência do homem, à sua origem divina e ao seu duplo sentido, sendo, também, um céu ("Deus ao mar o perigo e o abysmo deu, / Mas nelle é que espelhou o céu").

Mircea Eliade nos diz que o mundo é impregnado de sacralidade; sua estrutura e os fenômenos cósmicos manifestam as diferentes modalidades do sagrado. Contemplando o mundo, o homem religioso descobre que, antes de tudo, o mundo existe, tem uma estrutura que não é um caos, mas um cosmos. Certas estruturas privilegiadas desse cosmos — o céu, a atmosfera, constituem as epifanias favoritas do Ser supremo: ele manifesta sua presença por aquilo que lhe é específico, como a majestade da imensidão celeste ou o terror da tempestade. O céu revela-se transcendente, principalmente pela consciência de sua altura infinita. O muito alto torna-se um atributo da divindade. As regiões superiores acessíveis ao homem e as zonas siderais adquirem prestígios do transcendente, da realidade absoluta, da eternidade. O muito alto pertence às forças e aos seres sobrenaturais e o homem que se eleva nos caminhos santos ou nos rituais que conduzem ao céu, participa de uma condição sobrenatural. O céu existe de uma maneira absoluta: é elevado, infinito, eterno, poderoso, e sua existência estimula o sentimento religioso da transcendência divina.

Espelho do céu ("Mas nelle é que espelhou o céu"), o mar é também céu. Reflete seu infinito, sua transcendência, sua eternidade e sua sacralidade. Contém espelhada a sua

altura infinita. A sacralidade das águas vem somar-se a sacralidade do céu. As águas, em qualquer visão religiosa, conservam a função invariável de desintegrar, abolir as formas, lavar os pecados, ao mesmo tempo sendo purificadoras e regeneradoras. O simbolismo das águas implica tanto morte como ressurreição: porque a dissolução é seguida de um novo nascimento e porque a imersão fertiliza e multiplica o potencial de vida. A água é, por isso, rica em germes e criadora. Mircea Eliade nos mostra a multivalência simbólica do batismo como reduplicadora do simbolismo aquático: ele equivale à morte e à sepultura (imersão, velhice) e à vida e à ressurreição (emergência, juventude). O batismo valoriza-se, em primeiro lugar, como descida ao abismo das águas, para um duelo com o monstro marinho. Mas não é só uma descida às águas da morte, a exemplo de Cristo na Jordânia, como também é uma repetição do dilúvio: Cristo, como um novo Noé, sai vitorioso das águas e torna-se o chefe de uma raça. É uma descida às profundezas marinhas e uma saída vencedora das águas, no combate com o Dragão e com o pecado. A vitória contra o monstro guardião equivale à conquista da imortalidade. E várias são as mitologias e tradições onde se encontram Noé e o dilúvio, as "Águas da Morte", a nudez ritual e os monstros do abismo.

Cruzar o mar, no texto, é vencer o dragão do abismo e sair vitorioso e purificado da água. É a experiência de um batismo coletivo, sacrificador, mas que regenera uma nação, sacralizando-a e imortalizando-a. Se esse mar, que é um símbolo de destruição e ressurreição, é experimentado e conquistado pelo homem, e este, purificado e renovado, nele vê o céu, esse mar é, como também é o homem que o experimenta, o muito alto, o transcendente, o sobrenatural e eterno.

A água, aliada ao céu, completa, cosmologicamente, o círculo em que se insere a transcendência do homem.

### 1.2 — "Aqui na orla da praia, mudo e contente do mar"

O poema faz a inserção do homem numa situação cosmológica plena, que é a situação-limiar da "orla da praia": confluência da terra ("orla morena"), do mar ("contente do mar", "som brusco do mar") e do céu ("brisa de qualquer céu").

A água, diluidora e revitalizadora, na orla semi-sólida da praia, sob um céu qualquer, expressa a autonomia dos símbolos e indica-lhes a permanência no tempo do sentido arcaico universal. É possível verificar que essas imagens remetem, no poema, à presença confortante de um universo que nos pre-

existe e é estruturado por uma ordem divina e cosmológica, de morte e vida, pecado e purificação, fecundidade (imagem primordial da terra-mãe) e transcendência (altura infinita do espaço). "Ar sem fragrância" é ainda ar; "qualquer céu" é sempre céu.

Paralelamente, nos dirá Eliade que a experiência humana é suscetível, na sua totalidade, de ser homologada à vida cósmica e, em consequência disso, de ser santificada, porque o cosmos é a suprema criação dos deuses. E é isto que nos parece ocorrer na simbologia do poema em referência. Água, terra e céu conjugam-se, integrando-se a outro elemento que também partilha da sacralidade do universo, no mundo desse texto: a criação poética ("Farei um sonho, terei meu dia, fecharei a vida"). Inserido numa situação simbólica global do universo, mescla sagrada de água, de terra e de ar, o poeta é o criador de uma poesia que também é um símbolo a ser decifrado, pois que fala de um homem ao mesmo tempo "mudo e contente", que proclama uma apatia e um sem-sentido da vida, ao mesmo tempo em que proclama sua transcendência ("Quero dormir na distância de um ser que nunca foi seu") e deixa implícita a admiração de uma alma apaixonada por esse universo, segura de sua existência e homóloga, pela experiência da criação da linguagem, à renovação rítmica do cosmos.

### 1.3 — "Azul, ou verde, ou roxo quando o sol"

O cromatismo que a luminosidade do sol confere ao mar indica, já no início do poema, a relação que está a apresentar com essa outra hierofania cósmica, como a chama Mircea Eliade. O mar aqui é um símbolo tão denso como todo o universo e a proposta do poema é mesmo a de um deciframento. Ele não só é "abismo e espelho" (verso nº 4), como pode ser áspero, casual, mol(e), de grandes ondas, como uma água nua e serva, ou um murmúrio, uma voz, ígnotas flautas, impossível melodia, sereias, intermínios oceanos, som, imensidade, qualquer coisa, desconhecido, chamado ao coração, pátria. Destacamos, entretanto, os seus vínculos com as hierofanias cósmicas que aparecem no texto e que ainda não foram examinadas: o sol, em primeiro lugar, e, posteriormente, a lua.

O sol, ao contrário da lua, não participa do vir-a-ser: sempre em movimento, ele permanece imutável, com a mesma forma, segundo Eliade. As epifanias luminosas solares traduzem os valores religiosos de autonomia e da força, da soberania e da inteligência. O sol foi proclamado a inteligência do mundo. Tal significação deve também ser compreendida no símbolo do mar, porquanto ele é o reflexo da luz que é o sol.

pois, sem ter cor própria, é "azul, ou verde, ou roxo quando o sol / o doura falsamente de vermelho". Como o sol, é autônomo e forte, soberano e inteligente, e daí, até falar: "Fazei-me ouvir, como a um perdão, / Numa reminiscência de ensinar, / O antigo português que fala o mar!"

"Meu sonho... O mar é água, é água nua,  
Serve do obscuro impeto distante  
Que, como a poesia, vem da lua  
Que uma vez o abate outra o levanta."  
(O grifo é nosso).

A religião cósmica mostra que os homens tomaram consciência de seu próprio modo de ser no universo e de suas chances de sobrevivência e renovação, graças às fases lunares, isto é, seu nascimento, sua morte e sua ressurreição. Em geral, a maior parte das idéias de ciclo, de dualismo, de polaridade, de oposição, de conflito, mas também de reconciliação dos contrários, foi descoberta através do simbolismo lunar. Não se pode esquecer, ainda, que a lua revela ao homem religioso, não só que a morte está indissoluvelmente ligada à vida, mas, sobretudo, que a morte não é definitiva: ela é sempre seguida de um novo nascimento.

A vida da água, que é o mar, responde a um obscuro impeto distante, que vem da lua, e "que uma vez o abate outra o levanta" (fragmento citado). A engrenagem viva e sagrada do universo revela a integração dos fragmentos cósmicos, como a lua e o mar; a lua, com seus ciclos, inclui-se nesse sistema existente, determinando, sincronicamente, o movimento vital das águas. Esse "impeto distante", que é também "obscuro", denota a sacralidade da lua, sua presença divinatória e inexplicável, racionalmente. Combina-se, de resto, com o transcendente que se deu conta anteriormente e de forma geral, quanto ao mar, ao céu e ao sol.

Entretanto, a exemplo do que foi entrevistado no poema anterior com o homem ("Aqui na orla da praia"), agora ocorre, explicitamente, a inserção da criação poética na sacralidade da ordem cosmogônica do universo. A poesia também vem da lua, é, pois, "obscuro impeto distante", e o criador poeta, é como o mar, "é água nua, / Serv(o) do obscuro impeto distante". Também a vida que a linguagem cria poeticamente está subordinada aos ciclos vitais dos fragmentos cósmicos. Se o criador poético é, ou quer ser, como a água, e a água é o céu, o sol e a lua, não será o universo, com a sincronia cíclica da vida e da morte, da diluição e da ressurreição, da inteligência e da obscuridade, a própria poesia?

Culminando a gradação que se vem verificando no relacionamento entre os símbolos cósmicos e o homem, enquanto criador poético, e a obra, enquanto criação, o presente poema constitui-se na assunção e identificação do poeta com o mar e, também, com o céu: "Mar sou; baixo marulho ao alto rujo, / Mas minha cor vem do meu alto céu".

Com ele se chega à circularidade hermenêutica da estrutura do compreender. Deslocando-nos da religião, poderemos compreender porque o poeta é, ao mesmo tempo, mar e céu, água viva e altura infinita. Ocorre, aqui, a superação da temporalidade circunstancial, pela assunção da permanência transcendente, implícita nos símbolos do mar e do céu. Como, também, a decorrente e reiterada vinculação do criador poético ao divino e transcendente — "Não sou meu dono"; "Todas as vidas que outrora tive", — predestinado em criança, a uma sagrada missão: "Quem quando eu era infante me guiava / (...) A presença Real sob o disfarce / Da minha alma presente sem intento."

O poeta, com sua poesia, inclui-se nos múltiplos modos do sagrado e do ser. Por elevar-se nos caminhos santos ou rituais que conduzem ao céu ("ao alto rujo"), participa de uma condição sobrenatural; e, como o mar, é um abismo e, ao mesmo tempo, uma purificação, principalmente para o intérprete que aceita o desafio do batismo da linguagem.

## II — CONCLUSÃO

"Os conteúdos e as estruturas do inconsciente são o resultado de situações existenciais imemorais, sobretudo situações críticas, e esta é a razão pela qual o inconsciente apresenta uma aura religiosa." (Mircea Eliade — *Le sacré et le profane*)

"Não haver deus é um deus também."  
(F. Pessoa. *Inéditas*)

A criação poética que recupera, com sua linguagem, o sentido arcaico universal dos símbolos, fala, implicitamente, do homem religioso e de seu universo mental. É para esse homem, conforme Eliade, que o mundo não é uma coisa muda, opaca e inerte, mas pleno de significação. Para ele, o mundo vive e fala ("O antigo português que fala o mar"?). A própria vida do cosmos é entendida como uma prova de sua santidade; o mundo foi criado pelos deuses e estes se mostram aos seres humanos pela vida cósmica. Por isso alguns homens se conce-

bem como um microcosmos, fazem parte da criação dos deuses e encontram em si mesmos a santidade que reconhecem no cosmos. Sua vida é homóloga àquela: tanto quanto a obra divina, ela é uma imagem exemplar da existência humana. Reatualizando a história sagrada, imitando o comportamento divino, o homem se instala e se mantém próximo de Deus:

"Assim a Deus imito,  
Que quando fez o que é  
Tirou-lhe o infinito  
E a unidade etê"

(Inéditas, n° 670)

Contrariamente ao homem moderno profano, que é o resultado de uma dessacralização da existência humana, o homem revelado pelo "mundo do texto", resultado da análise, é um fragmento cósmico como o mar, o céu, a terra, o sol e a lua, e, símbolo como eles, atualiza sua múltipla significação, na linguagem poética que cria e propõe ao deciframento. Sua criação é homóloga à criação divina, sua existência, uma hierofania cósmica como as outras.

Reconstruído o texto, divisada sua significação universal e resgatado o intérprete, tripulante semi-oculto dessa travessia marítima e cosmogônica, resta saber se a luz hermenêutica não privilegiou o próprio intérprete, iluminando ângulos da obra que o levaram mais à sua própria compreensão (ou ilusão?), em detrimento de outros, onde a atitude de suspeita e questionamento deveria predominar.

#### BIBLIOGRAFIA

- ELIADE, Mircea. *Le sacré et le profane*. Paris, Gallimard, 1969.  
MAGALHAES, Ligia Cademartori. "A água: uma hermenêutica da imagem" in: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, PUCRS, março de 1980, n° 39.  
PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1969.  
RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.  
———. *O conflito das interpretações*. Rio de Janeiro, Imago, 1978.